

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.1 • 2023 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2023v10n1p271-285



DESAFIOS METODOLÓGICOS DE UMA ETNOGRAFIA MULTISSITUADA SOBRE DEBATES POLÍTICOS, SOCIABILIDADES E DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO¹

CHALLENGES OF A MULTISITUATED ETHNOGRAPHY ON POLITICAL DEBATES, SOCIABILITIES AND GENDER DISSIDENCES

DESAFÍOS METODOLÓGICOS DE UNA ETNOGRAFÍA MULTISSITUADA SOBRE DEBATES POLÍTICOS, SOCIABILIDADES Y DISIDENCIAS DE GÉNERO

Késia Maria Maximiano de Melo²

¹ Este texto decorre de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília.

RESUMO

Este texto refere-se a uma reflexão oriunda de uma etnografia multissituada, ocorrida em espaços on e offline. A pesquisa que originou este texto teve como objetivo central a compreensão do modo pelo qual as pessoas trans têm se apropriado de espaços online de interação a fim de fomentar debates políticos, e tecer redes de solidariedade e sociabilidade. Para tal, parti da investigação da proliferação desses espaços, tomando como ponto de partida um grupo de uma rede social digital, (mas não permanecendo apenas nele), visto não somente o quantitativo de membros no grupo, mas, principalmente, as temáticas frequentemente discutidas e a participação ativa de um elevado número de participantes nas discussões. Utilizei-me da etnografia multissituada como aporte teórico metodológico, especialmente no que diz respeito ao entrecruzamento entre as interações on e offline, tendo em vista que o acesso a novas possibilidades tecnológicas e a novos espaços de discussão, associada a transformações sociais e políticas tendem a modificar a forma com que as pessoas trans experienciam os sentidos atribuídos ao ser e se tornar pessoa trans, e a buscar alternativas de enfrentamento em relação aos mecanismos que garantem a delimitação de espaços, dinâmicas e direitos.

PALAVRAS-CHAVE

Etnografia Multissituada. Pessoas Trans. Sociabilidades. Articulação Política.

ABSTRACT

This text refers to a reflection arising from a multi-situated ethnography, which took place in on and offline spaces. The research that originated this text had as its central objective the understanding of the way in which trans people have appropriated online spaces for interaction in order to foster political debates, and to weave networks of solidarity and sociability. To this end, I started from the investigation of the proliferation of these spaces, taking as a starting point a group from a digital social network, (but not only remaining there), considering not only the number of members in the group, but mainly the themes frequently discussed and the active participation of a large number of participants in the discussions. I used multisituated ethnography as a theoretical and methodological contribution, especially with regard to the intersection between on and offline interactions, considering that access to new technological possibilities and new spaces for discussion, associated with social and political transformations tend to modify the way in which trans people experience the meanings attributed to being and to become trans people, and to seek alternatives for coping with the mechanisms that guarantee the delimitation of spaces, dynamics and rights.

KEYWORDS

Multi-sited Ethnography. Trans People. Sociabilities. Political Articulation

RESUMEN

Este texto remite a una reflexión surgida de una etnografía multisituada, que tuvo lugar en espacios fuera de línea y fuera de línea. La investigación que dio origen a este texto tuvo como objetivo central comprender la forma en que las personas trans se han apropiado de los espacios de interacción en línea para fomentar debates políticos y tejer redes de solidaridad y sociabilidad. Para ello, partí de la investigación de la proliferación de estos espacios, tomando como punto de partida un grupo de una red social digital (pero no quedándome solo en él), considerando no solo el número de integrantes del grupo, sino, principalmente, los temas tratados con frecuencia y la participación activa de un gran número de participantes en las discusiones. Utilicé la etnografía multisituada como aporte teórico y metodológico, especialmente en lo que se refiere a la intersección entre las interacciones en y fuera de línea, dado que el acceso a nuevas posibilidades tecnológicas y nuevos espacios de discusión, asociados a las transformaciones sociales y políticas, tienden a modificar la forma en que las personas trans experimenten los significados atribuidos al ser y devenir persona trans, y buscar alternativas para hacer frente a los mecanismos que garantizan la delimitación de espacios, dinámicas y derechos.

PALABRAS CLAVE

Etnografia Multisituada. Personas Trans. Sociabilidades. Articulación Política

1 INTRODUÇÃO

Travestis e transexuais. Search. Páginas, perfis, grupos. Esse foi o caminho que Sofia³ percorreu ao tentar encontrar espaços em uma plataforma online em que pudesse compartilhar suas experiências, falar sobre suas demandas, e que encontrasse legitimidade nas suas inquietações, a partir da semelhança com a vivência de outras pessoas. Sofia se identifica como travesti, tem 26 anos, marcas de facada por várias partes do corpo e uma imensa nostalgia por tudo que não viveu: o acolhimento da família, os corredores da escola, a escolha por uma profissão.

Vive cotidianamente a violência das ruas, e imprime em seu corpo o estigma da abjeção e de uma vida precarizada no que diz respeito aos acessos a bens e serviços. Vivências como essas são expostas por ela cotidianamente em seu perfil em uma rede social, criado (no momento da pesquisa) há cerca de dois anos, quando comprou um celular, motivada pelas amigas que sempre comentavam sobre como era bom “dar close e brigar com essas bixas que nunca foram pra rua, mas juram que são travas”, além dos usos em geral que faziam da plataforma. Sofia também afirma querer entrar em contato “*com o que vem acontecendo atualmente no mundo das travestis e lutar pra ter uma vida digna*”.

Postagens e experiências como as de Sofia compuseram as reflexões que busco suscitar nesse texto, que toma como ponto de partida e lócus a minha pesquisa de mestrado, finalizada em 2016. Aqui apresento algumas notas etnográficas como apontamentos oriundos de uma discussão que teve como esforço central a compreensão do modo pelo qual as pessoas trans, aquelas que em suas formas de identificação, de gênero não encontram coerência na ordem compulsória “sexo cromossômico – gênero, têm se apropriado de espaços online a fim de fomentar debates políticos, tecer redes de solidariedade e sociabilidade entre si, mas também com acadêmicos/as e militantes de movimentos sociais, e em como essas interações tem produzido novas formas de militância e repercutido em suas vidas off-line.

Para tal, realizei uma pesquisa de caráter etnográfico, desenvolvida nos anos de 2014, 2015 e finalizada no início de 2016, utilizando-me como método da etnografia multissituada, proposta por George Marcus (1995).

Tal escolha metodológica se deu pelo esforço de não somente compreender os trânsitos e as intersecções entre as interações online e a vida cotidiana, mas principalmente pela necessidade de visualizar as mediações entre espaços e contextos sociais conduzidas e traçadas na justaposição de diferentes espaços interacionais (Marcus, 2001). Ainda de acordo com George Marcus (1995), na etnografia multissituada, o objeto de estudo não está geograficamente localizado, necessitando assim,

3 Por questões éticas nomes dos/as interlocutores/as desta pesquisa foram modificados.

que sejam desenvolvidas estratégias empíricas que considerem pessoas e símbolos, ultrapassando lugares e fronteiras, e estabelecendo conexões ao longo de várias escalas etnográficas.

Adotei como principais procedimentos de coleta de dados a observação etnográfica das interações das pessoas trans no contexto dos tópicos dos grupos na plataforma escolhida, bem como de outros grupos e páginas da própria plataforma, e interações fora do grupo, como em espaços do movimento social, que advinham ou não das relações constituídas nele, considerando que o on e offline são considerados espaços contínuos (BELELI, 2012).

Vale ressaltar que a plataforma foi escolhida em decorrência do alto fluxo de postagens e sua ampla utilização no contexto observado. Procurei utilizar das diversas possibilidades de interações, para assim, explorar o seu uso em diferentes níveis, tanto quanto eram as possibilidades oferecidas através das ferramentas da própria plataforma, associando, por fim, esses dados entre si. Assim, esse texto tem como proposta central refletir sobre as escolhas, percursos e desafios metodológicos da pesquisa.

2 O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS

De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 2009 a 2011, o computador com acesso à internet foi o bem durável que teve o maior nível de crescimento no Brasil o que corresponde a um aumento de 39,8%. No mesmo período, a aquisição de microcomputadores correspondeu a um crescimento de 29,7%, e em terceiro lugar na lista de bens duráveis que mais cresceram nos domicílios, está o aparelho celular, com um aumento de 26,6%.

Os domicílios com pelo menos um morador que tinham telefone móvel para uso pessoal eram 41,1% do total em 2009, sendo que, em 2011, essa porcentagem chegou a 49,7%, somando 6,4 milhões de lares com celular. Dados de 2013, também do IBGE, apontam que 57,3% das residências acessaram a internet por meio de celulares e tablets.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Domicílio – PNAD, no ano de 2015, apontaram que “92,1% dos domicílios brasileiros acessaram a internet por meio do telefone celular, enquanto 70,1% dos domicílios o fizeram por meio do microcomputador” (CAMPOS, 2015),

O Brasil é um dos maiores consumidores de aplicativos do mundo, sendo hoje o quinto país que mais realiza downloads destes produtos. Segundo dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015, o Brasil possuía 204,4 milhões de habitantes, ao passo que no ano de 2016, constatou-se 168 milhões de *smartphones* em uso no país, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FVG), o que significa que 82,19% dos brasileiros possuem esse tipo de aparelho. (JARDIM; MOURA, 2017, p. 155).

A mesma pesquisa aponta que nesses milhões de *smartphones*, 93% dos usuários/as têm baixado os aplicativos de comunicação instantânea. As facilidades atuais que este tipo de aplicativo oferece justificam o número de downloads. Pode-se enviar mensagens de texto e voz, fotos, imagens, vídeos, links, fazer ligações telefônicas e de vídeo para qualquer pessoa da lista de contatos (PELUCIO, 2019).

Com o aumento da possibilidade de acesso a computadores e a planos de internet, devido aos custos cada vez menores, o uso das mídias digitais tornou-se mais frequente. Essa frequência ganhou intensidade a partir do posterior barateamento dos dispositivos móveis com sistemas que possibilitam acesso a internet – tablets e smartphones (MISKOLCI, 2011), e conseqüentemente, das mídias digitais, compondo fortemente uma rede com diversas possibilidades de interação, e com diversos elementos que o compõe.

Entendo mídias digitais, nessa pesquisa, como canais de comunicação mediados por dispositivos eletrônicos, que possibilitam a interação em rede. Nesse sentido, de acordo com Miskolci (2011), referem-se ao mesmo tempo, à conexão e ao seu suporte material. “Mas também responde a um conjunto de transformações sociais e econômicas marcadamente neoliberais, que, a partir de meados dos anos de 1980, incidiram diretamente na forma das pessoas constituírem relações” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2015, p. 143).

De acordo com o mesmo autor, as mídias de massa, das quais são exemplo o cinema e a televisão eram, predominantemente mídias verticais, o que acabava por possibilitar uma baixa interatividade, enquanto as mídias digitais (internet e afins), o que predomina é a horizontalidade das relações, nas quais todos interagem (MISKOLCI, 2015, p.132). Se essas interações mediadas pelas tecnologias digitais possibilitam que as narrativas não somente se tornem públicas, como circulem e disparem debates, a facilidade do acesso a essas tecnologias começa a ser ponto constitutivo de um cenário em que é notória a intensa proliferação de perfis em redes sociais, sites de relacionamento e aplicativos.

A rede social que se compõe como lócus central (mas não apenas) desta pesquisa, é a de maior adesão de usuários, no contexto brasileiro. Teve sua primeira versão *mobile* disponibilizada para download em abril de 2006, e a partir do ano de 2007 incorporou novas ferramentas em seus módulos de extensão, tais como a possibilidade de inserção de vídeos (junho de 2007), chats de conversas privadas, ou, como são popularmente conhecidas, chats inbox (abril de 2008), a criação do aplicativo da plataforma, para downloads em dispositivos móveis (julho de 2008), a incorporação da opção “like/curtir” (fevereiro de 2009), da ferramenta de geolocalização ou “*check in*” (agosto de 2010).

E, finalmente, a disponibilização de uma ferramenta que possibilitasse a criação de grupos de interação, para além dos perfis pessoais (outubro de 2010). Após isso outras ferramentas são inseridas nos anos subsequentes, tais como a possibilidade de interação por vídeo, a intersecção com outros aplicativos marcando a nova era da Web 2.0.

A permeabilidade das fronteiras, somada a possibilidade da autonomia na produção de conteúdo, numa temporalidade tão dinâmica quanto real vem reconfigurando não somente as possibilidades comunicacionais, como a forma com que as pessoas que fazem uso dessas redes se relacionam, tomo como exemplo disso a velocidade que notícias como a da votação sobre a redução da maioria penal chegou ao alcance dos usuários da plataforma, ou a eficácia na organização de mobilizações e protestos como as jornadas de junho de 2013.

3 A PERMANÊNCIA NO CAMPO: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE OS ENTRECruzamentos DO ON E DO OFFLINE

Os usos desses espaços se mostram atravessados por disputas identitárias, intensas negociações sobre o que é legítimo no que diz respeito a “ser uma pessoa trans⁴ de verdade”, o que se estende para debates centrais sobre a criação de lugares de fala das múltiplas identidades trans e nas formas de se fazer militância, marcados especialmente por uma nova geração de pessoas trans que ampliam seus espaços de trânsito e sociabilidade, e que se utilizam da internet para criar debates com desdobramentos políticos a partir da produção de visibilidade em torno das suas vivências cotidianas.

Entendo por discussão política não somente aquelas disparadas ou motivadas por temáticas relacionadas aos movimentos sociais ou partidários, mas, sobretudo, por questões referentes a (re)elaborações de estratégias de enfrentamentos referentes ao estigma, violência, acessos a bens e serviços como saúde, assistências sociais, entre outros. Nesta chave, considero ainda as reivindicações relativas a questões cotidianas como uso e transformação dos corpos, preconceitos de diversas ordens, inserção do mercado de trabalho, bem como os debates sobre prostituição.

Embora tenha partido de uma investigação inicial que pretendia compreender como as travestis têm se apropriado do uso dos debates online a fim de construir espaços de resistência política, o campo me mostrou que nesses espaços de interação não há uma delimitação clara sobre discursos específicos de pessoas travestis, e que, para além disso, as pessoas trans em geral tem se utilizado da rede para diversos fins. Assim, me interessaram as interações que partem de debates acionados por discursos de construção de uma visibilidade em torno dos direitos e das suas demandas por reconhecimento social e, principalmente, por cidadania.

As vivências de constituição das identidades trans extrapolavam os espaços clássicos de sociabilidade, tais como as esquinas, e outros campos que vinham emergindo como *locus* de constituição identitária, e de articulação em torno de possibilidades reivindicatórias. Assim, ao perceber a internet como um campo em constituição no que diz respeito às possibilidades de debates em torno dos direitos, e a apropriação de recursos tecnológicos como forma não somente de sociabilidade, mas de ativismo político, constatamos a emergência da compreensão sobre como as pessoas trans vinham se utilizando das interações online como forma de resistência em grupos online.

No decorrer da pesquisa, percebi que as questões que emergiam do campo extrapolavam os debates propostos em um único grupo – o qual tomei como campo, em princípio –, me conduzindo a outros espaços dentro e fora da plataforma, e a outras problemáticas, centradas especialmente nas disputas e negociações em torno das novas formas de militância, categorias identitárias e em como o uso das mídias digitais tem tido lugar central na visibilidade de novas formas de protagonismo político.

Alguns espaços já existiam quando me inseri no campo, e outros foram criados por pessoas trans ao longo da pesquisa. A partir dessas interações que ocorrem na “dimensão online da vida”, participei de espa-

⁴ É importante ressaltar que quando utilizo o termo “Pessoas trans”, o faço como forma de abarcar as múltiplas vivências de gênero que não se enquadram nos modelos binários, tais como mulheres transexuais – ou mulheres trans, travestis, homens transexuais – ou homens trans, e diversos outros.

ços do movimento trans institucionalizado do Estado de São Paulo, como reuniões de fóruns e associações, acompanhei debates oficiais, a exemplo do encontro nacional, e reuniões presenciais. Tudo no offline.

4 O PERCURSO: QUANDO A INTERNET É O PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA

No período que antecedeu a imersão direta no campo, realizei algumas aproximações iniciais na tentativa de compreender quantitativamente em que ritmo a adesão de perfis na plataforma era uma crescente, bem como a criação de novos espaços de interação dentro dela, sob as temáticas referentes a pessoas trans.

Após o primeiro contato, tomei como ponto de partida um grupo específico da plataforma escolhida, e ainda no decorrer da pesquisa, no entanto, o campo apontava pra outras possibilidades de interação dentro da plataforma, e para outras problemáticas além das já percebidas. Concluí, assim, que aquele grupo isoladamente não permitia a compreensão da complexidade das dinâmicas relacionais que estavam sendo construídas por meio daquelas interações, e ainda que, as interações não se esgotavam naquela mediação, em postagens, curtidas e compartilhadas. Diversos outros lógicas e recursos atravessam as relações ali propostas, tais como – ainda dentro da plataforma – outros grupos, páginas, interação direta por meio de inserção na lista de amigos de outro perfil pessoal, outras plataformas/sites, bem como outros aplicativos, e – fora da plataforma - encontros presenciais.

A escolha de iniciar o campo a partir de um grupo de uma plataforma on-line me conduziu à compressão da internet – e mais especificamente o grupo escolhido – como um espaço que possibilita a difusão de ideias e expressões por meio dos discursos, desterritorializa e territorializa culturas locais, como espaço de “ciberativismo” (PIENIZ, 2009).

O uso da internet abre espaço para novas formas de sociabilidade e para a inscrição de (novas) relações de poder e desigualdade, que são mediadas pelos pressupostos da vida off-line, e que ocorrem para além de sua “virtualidade”.

Ao realizar uma longa discussão sobre os diálogos entre a etnografia clássica e as etnografias realizadas em espaços virtuais, Hine (2000), entende que essas pesquisas buscam problematizar o surgimento das novas tecnologias e suas influências para o campo social, cultural e científico.

No contexto das interações imersivas (SANTAELLA, 2004) – ou leitores imersivos, nos termos da autora - a etnografia virtual acaba por apresentar-se como uma possibilidade metodológica para pesquisas de comunidades, práticas e culturas localizadas ou mediadas pelos espaços online. Assim, Hine (2000) afirma que uma etnografia na internet pode olhar em detalhes para as maneiras pelas quais a tecnologia é experienciada na prática.

Na sua forma básica a etnografia virtual também consiste em um pesquisador usando um período de tempo estendido imerso num ‘campo de ação’, percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo. Nesse sentido, a etnografia online, pretende designar as formas do fazer etnográfico no espaço de interação que configura a internet e as tecnologias digitais, abrangendo blogs, sites de relacionamento, salas de bate-papo, ou mesmo

artefatos culturais e tecnologias de representação, como vídeos e fotografias digitais e seus usos no meio virtual (RIBEIRO, 2006), o que exigiu intensa imersão, contatos reiterados com colaboradoras e colaboradores de pesquisa.

Para tanto, diferentes meios foram acionados (bate-papo da própria plataforma, blogs, aplicativos de comunicação instantânea – em chat individual ou em grupo), atenta a dinâmica dialógica de cada uma das mídias utilizadas. Utilizei o grupo da plataforma como campo, mas não me restringi a ele, visto que a multiplicidade de formas de interação a partir das ferramentas oferecidas pela plataforma foi me conduzindo também a outros espaços, para além do próprio grupo, sendo eles ainda dentro da plataforma, em outras plataformas/sites/aplicativos, ou ainda, em espaços concretos.

Desse modo, é imprescindível pensarmos que esses mesmos sujeitos que faziam uso de perfis da plataforma, e participavam dos grupos de discussões, poderiam também fazer uso de outras plataformas online, e principalmente, de formas offline de interação.

Assim, como proposto por Miskolci (2011), até podemos reconhecer como relevante o estudo de um site em particular e começar a pesquisa nele, mas é fundamental reconhecer que o campo é maior do que o site. Se os usuários dificilmente se restringem ao uso de um só, assim como tendem a articulá-los com formas offline de interação, então o que leva ao uso das mídias digitais é o mais importante e para o que devemos dirigir nossas análises (MISKOLCI, 2011, p.14)

Na dimensão off-line, mas ainda tomando como ponto de partida as interações online, participei do IX Encontro Regional Sudeste de Travestis e Transexuais. Nesse espaço oficial da militância institucionalizada, pude acompanhar diversos debates, as estratégias e formas de diálogo com o Estado, e ainda, as interações iniciais de algumas pessoas trans (mulheres trans, em sua maioria) com o movimento trans, bem como a participação mais acentuada de homens trans nas discussões, o que até então só era possível perceber nas interações nas plataformas virtuais.

5 DESAFIOS ETNOGRÁFICOS: A CONSTRUÇÃO DO CAMPO E ALGUNS ENTRAVES

A proposta principal desse tópico é descrever a delimitação e trazer algumas reflexões metodológicas sobre o campo dessa pesquisa, baseando-se na descrição dos procedimentos de coleta e sistematização dos dados. Optei por assim fazê-lo, motivada pela compreensão da necessidade de um rigor metodológico associada a uma escassez na bibliografia que discuta de forma mais específica não somente as técnicas utilizadas para coleta, sistematização e gerenciamento dos dados, como os entraves de se fazer etnografia num campo com uma dinâmica tão difusa, e que acaba por envolver o pesquisador numa temporalidade intensa, interferindo em suas práticas cotidianas, e exigindo a elaboração e reelaboração de diversas estratégias para a inserção, para a delimitação, para o trânsito, e para a sua compreensão.

Em princípio, a escolha de um grupo específico estava diretamente ligada ao reconhecimento de uma dinâmica intensa no que diz respeito ao fluxo de interações e trocas. Assim, em abril de 2014, tomei o grupo da plataforma escolhida como campo privilegiado dessa pesquisa. Em agosto do mesmo ano comecei a perceber que as tensões não estavam restritas ao que era debatido apenas dentro do

grupo. Essa percepção surgiu claramente quando membros do grupo começaram a postar conteúdo de um outro grupo, na tentativa de desqualificá-lo, uma vez que esses comentários tinham um conteúdo acusatório sobre o grupo em questão e sobre seus conteúdos.

As acusações partiam de comentários e argumentos como: “essas meninas só reforçam a marginalização que sofremos, não falam nada que nos faça avançar na luta. A luta não é sobre maquiagem, bofe e hormônio não, elas *não sabem nem um termo, uma discussão mais teórica, nada!!!! Bando de retardadas*”⁵.

Mais quatro grupos se envolveram no conflito de forma mais geral, resultando também em conflitos internos. Outros seis grupos se envolveram de forma indireta. É importante ressaltar que boa parte dos membros desses grupos integrava a maioria deles concomitantemente. Alguns perfis intensamente participativos nos grupos também disparavam debates importantes, e com grande número de respostas, em seus perfis pessoais. Alguns desses perfis também eram gerenciadores de páginas famosas sobre questões que envolvem vivências de pessoas trans.

Assim, o campo acabou por se constituir não apenas pelo grupo Mundo T-Girl, grupo com o qual iniciei essa pesquisa, como pelo trânsito por mais dez grupos (alguns de forma mais intensa que outros), postagens de três páginas públicas e doze perfis pessoais.

Em termos etnográficos, o gerenciamento e armazenamento dos dados do campo, em forma de diário, foi um dos maiores desafios iniciais. A etnografia consiste numa abordagem utilizada como maneira de apreender uma dada realidade (Geertz, 1989), portanto é um método qualitativo que pode dispor de várias técnicas para sua execução, tais como entrevistas, observação participante, análise do discurso, entre outros.

Ao optar por realizar uma pesquisa no campo em espaços online, acionei diversas experiências pessoais com o uso da internet, e mais especificamente, das mídias digitais, para em princípio compreender, dentro da dinâmica de funcionamento da plataforma, que técnicas poderiam ser utilizadas de modo a viabilizar a minha compreensão sobre o campo.

Sou usuária ativa da plataforma desde 2008, quando criei meu perfil, e comecei a utilizá-lo para mediar interações com amigos e familiares. Nessa época, não existia a opção de “trancar”, ou seja, restringir a algumas pessoas ou grupos o acesso a postagens. As ferramentas disponíveis quando a pesquisa foi realizada disponibilizava diversos recursos nesse sentido, me conduzindo a necessidade de aprofundamento acerca dos recursos técnicos que a plataforma disponibilizava para a elaboração das estratégias de inserção e permanência no campo.

As diversas ferramentas de cada mídia possibilitam diferentes formas de interação, e no caso da plataforma, para se tornar usuária/o é preciso criar um perfil pessoal, uma conta que passará a compor o imenso banco de dados que é o site. Após esta operação, que vincula cada conta a um e-mail válido, é possível iniciar a interação com outros usuários através do envio de convites de amizades.

Meu primeiro impasse metodológico, tendo em vista essa prerrogativa para uma inserção primária no campo, girava em torno do uso do perfil para realização da pesquisa. Estar atenta aos discursos que são acionados nas postagens que buscavam visibilidade sobre as vivências trans e quais os mecanismos que são utilizados por meio deles para manutenção ou ruptura com as normas de gênero

5 Fala extraída do diário de campo.

e sexualidade exigia de mim, enquanto pesquisadora, uma corporalidade no campo, que somente é possível ser construída a partir da forma como me coloco no campo, e mais especificamente, do que deixo ser acessado no meu perfil.

A alternativa da construção de um perfil apenas pra a pesquisa foi discutida com a minha orientadora, no entanto optamos por não utilizá-la visto que o fazer etnográfico exige do pesquisador aproximar-se, e se deixar afetar, pelo campo ou pelos sujeitos estudados.

Como se tratava de um campo que fazia parte, em partes, da minha dinâmica cotidiana, o ato de se deixar afetar é o que se chama de estranhamento, isto é, a necessidade de estranhar o que está posto, o que é considerado comum, ou seja, questionar as práticas naturalizadas. Além disso, manter meu próprio perfil pessoal para fazer a pesquisa, dava acesso às colaboradoras a uma série de informações pessoais sobre mim, conferindo a quem pesquisa uma dimensão humana, a qual considero fundamental quando demandamos do outro suas opiniões, segredos, confiança, entre outros elementos emocionais que ajudam a pactuar os termos em que se dará a relação entre quem pesquisa e quem colabora com a mesma, ao mesmo tempo que me utilizava de ferramentas da própria plataforma para negociar o acesso a essas informações.

Adotei como estratégia etnográfica, partindo dessa compreensão do campo, manter o meu perfil pessoal, e utilizá-lo para transitar pelo campo, mas adotei a sistematização do gerenciamento da minha página, como forma de tentar alcançar uma dinâmica de aproximações e afastamentos. Essa dinâmica de trocas nesse campo é delimitada pelo acesso a um eu “privado”, que é convertido em representação pública (ILLOUZ, 2011) de quem queremos mostrar que somos. Nosso perfil online acaba por delimitar aproximação ou afastamentos em relação às/aos demais usuárias/os. “A internet torna visível o eu privado e o exibe publicamente para uma plateia abstrata e anônima, a qual, no entanto, não é pública (no sentido habermasiano da palavra), e sim uma agregação de seus particulares” (ILLOUZ, 2011, p. 113).

Minhas escolhas me colocaram diante de um impasse relacionado aos conteúdos produzidos no meu perfil, tendo em vista que embora eu o estivesse utilizando para a realização dessa pesquisa, eu também fazia uso para fins pessoais, como já mencionado. Levando em conta que a dinâmica assumida nas plataformas de interações online acompanha a conjuntura do contexto no qual os seus usuários estão inseridos, e considerando ainda que o período que realizei essa etnografia foi de grande efervescência política em decorrência de problemáticas como a copa, eleições para presidência da República, manifestações de 15 de março, entre outros, tomei algumas medidas de gerenciamento desses conteúdos.

Criei um grupo específico, intitulado “campo”, para as pessoas as quais tinha adicionado, ou que tinham me adicionado em razão da pesquisa. Assim, utilizava das configurações de privacidade para limitar o acesso de algumas postagens, e assim, evitar interferir diretamente nas minhas interações com meus/minhas colaboradores/as.

A partir da disponibilização dessas informações no perfil, e das postagens pessoais, aos quais mantinha atualizadas diariamente, solicitei participar, inicialmente do grupo escolhido, e, à medida que outras possibilidades de interação surgiam, ou outros grupos eram indicados e linkados, enviei solicitação para outros.

É importante mencionar que diferentemente das páginas, as configurações dos grupos têm influência direta sobre quem pode acessar os debates contidos nele. A plataforma disponibiliza como ferramenta as opções abertas (em que qualquer usuário da plataforma, membro do grupo ou não, pode visualizar os conteúdos ali publicados), fechado (somente os membros do grupo tem acesso às postagens), ou secreto (nessa configuração, nem mesmo a partir das ferramentas de busca da plataforma, é possível ser localizado, de modo que o acesso só é viabilizado mediante o convite do moderador ao usuário).

O criador torna-se o moderador, e tem a opção de inserir até quatro membros como moderadores, o que implica na função de aprovar as solicitações de inserção, excluir membros que já estão inseridos, fixar tópicos no topo da página do grupo ou excluir as postagens que julgar necessárias, dele mesmo ou de outros membros.

Essa dinâmica deixa explícita que as relações ali estabelecidas não são horizontais, e predispõe uma série de normas e relações de poder. Todos os grupos que encontrei, ou que algumas informantes me indicaram em conversas privadas participar, mantinham como configuração a opção fechado, o que exigia que eu enviasse uma solicitação de participação. Em algumas situações, o moderador do grupo entrou em contato comigo via conversa privada, para questionar as minhas motivações para a solicitação de participação.

Quando isso aconteceu, informei quais eram os meus propósitos no grupo e em nenhum deles tive a participação recusada. Nos que fui imediatamente aceita, fiz uma postagem explicitando as motivações da minha participação, e pedindo que quem tivesse interesse em conversar mais detalhadamente sobre o processo da pesquisa, eu estaria disponível no chat privado. Não houve recusa, em nenhum grupo.

Como os meus acessos à plataforma para acompanhamento da dinâmica do campo eram realizados múltiplas vezes ao dia, comecei a fazer uso do aplicativo da plataforma para celular, além do acesso via computador. Isso interferiu diretamente na dimensão temporal da minha relação com o campo, que implicava em informantes que acionavam minha caixa de mensagens *inbox* durante a madrugada, notificações durante o período das aulas, entre outros.

O terceiro impasse que trago diz respeito à sistematização dos dados. De acordo com Raquel Recuero (2009, p. 32) o “caráter dessa plataforma é de interação mútua, de modo que uma postagem gera outros comentários, em resposta e que vai gerando uma série de interlocuções em torno da postagem inicial, criando um extenso espaço de discussão entre os indivíduos”.

Nessa direção, o volume de interlocuções é imenso, e após exatos um ano de intensa imersão no campo, interseccionando o com o uso de outras mídias, *chat inbox* (que embora a partir do uso mediado pelo computador, esteja inserido na plataforma, quando utilizado por dispositivos móveis, conta com o recurso fora do aplicativo de origem, ou seja, conversas privadas e públicas são alocadas em aplicativos diferentes), links que direcionavam para conteúdo de outras plataformas, tais como *blogs* e *youtube*, tive um material que correspondia a mais de 500 páginas.

Para sistematizar esses dados, reli todos os registros salvos, bem como as anotações de diário de campo das datas correspondentes, e fiz um mapeamento do fluxo e das interconexões entre os grupos, páginas e perfis – dentro da plataforma – das interações em outras mídias e na dimensão offline. Desse modo criei duas categorias de análise: Atores da militância e Formas de militância.

O quarto e último impasse que busco descrever remete a temporalidade da imersão no campo de pesquisa, que com a opção de acompanhar os espaços de debates na plataforma via dispositivo móvel, somando-se ao uso de aplicativos que operam na lógica da conexão em tempo real, e que, – além de tudo, incorporam a ferramenta de notificação de visualização da mensagem – ganham implicação direta na necessidade de formulação de estratégias de permanência no campo e apreensão dos dados. Nesse sentido, a/o colaboradora/colaborador ganha um canal que viabiliza visualização dos momentos de acesso de quem pesquisa, o que implica em sucessivas explicações acerca das motivações para a ausência de respostas.

Adotei como alternativa para a questão, uma explicação prévia para os/as informantes, não somente sobre os objetivos da pesquisa, como dos recursos metodológicos utilizados, o que incluía o uso do dispositivo móvel, e uma consequente sincronicidade no recebimento e leitura da mensagem, mas não necessariamente a disponibilidade para o diálogo no momento em que ele foi acionado, acordando que assim que possível, haveria um retorno de minha parte.

A dimensão textualizada das interações também se apresentou inicialmente como um entrave. A ausência de uma corporalidade no diálogo não deixa claro com qual entonação cada frase está sendo dita, o que pode implicar em maus entendidos, em alguns momentos. Um importante recurso que utilizei em diversos momentos, foram os emojis, como forma de demonstrar com qual emoção/ entonação a presente frase estava sendo “dita”, além das audiogravações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar pelos sinuosos caminhos que entrecruzam o on e off-line enquanto contextos de interação é um imenso desafio.

A apropriação de novas formas de comunicação, o redimensionamento de aspectos como a temporalidade e o relaocamento de ansiedades são chaves importantes no desenho das ferramentas utilizadas para o trânsito nesse campo de pesquisa

Desenvolver ferramentas que possibilitem a apreensão dos dados, a sistematização e interpretação dos mesmos, considerando o contexto das interações mediadas digitalmente exigem do pesquisador um intenso reinventar-se, construir limites e possibilidades, e o deslocamento/releitura de um saber etnográfico geolocalizado para um que considere os meandros da globalização e das novas formas de se relacionar que se constituem a partir deles.

No campo dessa pesquisa, e mais especificamente, nos trânsitos entre o on e o off-line, vi que mobilização política também é “*dar bafão na página dasamiga*”, é “*postar foto do salto quinze pras inimiga morrer de inveja*”, é publicar longos textos no perfil pessoal, repletos de erros gráficos e de concordância acompanhado da foto dos cortes e arranhões resultantes de uma noite de trabalho fazendo “pista”. É responder uma postagem sobre violência contra travestis, com um misto de medo e compaixão, por se enxergar muito próxima daquela situação diariamente. É compartilhar incansáveis vezes, muitas vezes só pelo título do link, campanhas de respeito à diversidade.

As dimensões do fazer político on e off-line se imbricam, se informam e se influenciam mutuamente, criando ora alianças profícuas, ora tensões e rupturas que trazem desdobramentos expressivos para a luta das pessoas trans, seja pela consolidação de algumas pautas em detrimento de outras, pelo rechaço de algumas falas ou pelo surgimento de novas lideranças. Este último fenômeno tem criando cisões muitas vezes marcadas por pertencimentos geracionais e de escolaridade, além do de classe, que se mostram expressivos nesse campo. Captar essas nuances, nesses trânsitos multissituados requer do pesquisador uma aproximação não somente com os termos nativos dos sujeitos da pesquisa, mas também das formas de interação e códigos que se estabelecem nessas duas dimensões.

O trânsito dos conceitos, o tráfico das teorias, a proposição de conceitos tem vindo desses campos distintos, mas relacionados, informam olhares, oferecendo outras gramáticas capazes de alargar os limites binários das proposições heteronormativas, este mesmo um conceito traficado grandemente, e que ilustra como temos nos deparado com outro vocabulário que nos desafia, mas também afia a escrita e provêm outros termos para se falar de si e para se constituir subjetivamente.

REFERÊNCIAS

BELELI, I. Amores Online. *In*: L. PELÚCIO (org.). **Gênero, sexualidade e mídia: olhares plurais para o cotidiano**. Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 56-73.

CAMPOS, R. R. Classes Sociais, consumo e violência simbólica. **Cadernos de campo**, v. 19, p: 13-36, 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona, Editora Sage, 2000.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JARDIM, M, C.; MOURA, P. J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Tomo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, Universidade Federal do Sergipe, v. 30, p. 151-196, 2017.

MARCUS, G. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995.

MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: el surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, v. 11, n. 1, p. 11-127, 2001.

MISKOLCI, R. Do armário à discrição? Regime de Visibilidade sexual das mídias de massa às digitais. *In*: L. PELUCIO; H. PAIT; T. SABATINE. **No emaranhado da rede**: Gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume Queer, 2015. 272 p.

MISKOLCI, R. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc.**, UFRN, v. 12, n. 2, p. 9-22, 2011.

PELUCIO, L. **Amor em tempos de aplicativos**: Masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019. 260 p.

PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A pesquisa social na era das mídias digitais: desafios teóricos e metodológicos nos trabalhos com sexualidades. *In*: Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2, Salvador, 2015. **Anais[...]**, Salvador, SIDG, 2015.

PIENIZ, M. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. **Revista Elementa. Comunicação e Cultura**, v., n. 2, 2009.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

REIS, C. F. 2013. Encontro de homens trans do norte e nordeste – da Invisibilidade ao primeiro encontro. Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 1, Natal, 2013. **Anais[...]**, Natal, SIDG, 1.

RIBEIRO, J. S. Contributos para a antropologia na era digital. Congresso Online - Observatorio para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, Sociedad libre. 1, 2006. **Anais[...]**, COOC, 1, 2006.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. 273 p.

Recebido em: 18 de Setembro de 2022

Avaliado em: 9 de Novembro de 2022

Aceito em: 18 de Abril de 2023



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

2 Doutora em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília (2016); Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM); Tem experiência na área de Terapia Ocupacional, atuando principalmente com os seguintes temas: Terapia Ocupacional Social, Gênero, Sexualidade, Marcadores sociais da diferença e Cidadania. E-mail: kesia.maximiano@ufsm.br

